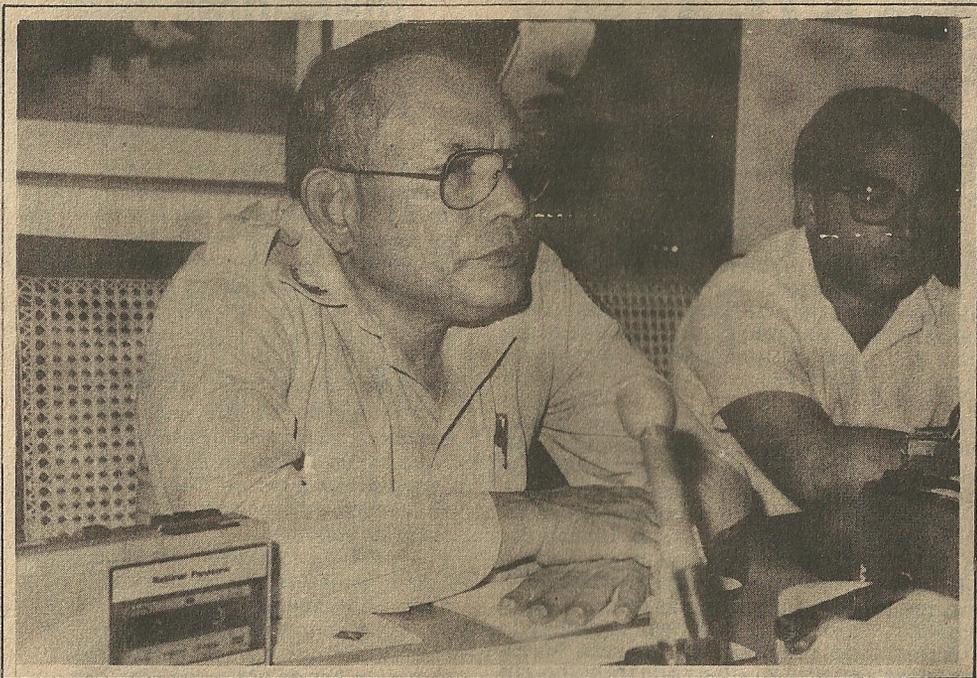


# "A burocracia é o pior inimigo"



**Tomas Borge,**  
**exclusivo:**

"A BUROCRACIA É O PIOR INIMIGO DA REVOLUÇÃO". AFIRMOU O COMANDANTE TOMAS BORGE, MINISTRO DO INTERIOR DA NICARÁGUA E ÚNICO FUNDADOR VIVO DA FRENTE SANDINISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL, À DELEGAÇÃO DA UNIMEP QUE VISITAVA A NICARÁGUA, EM AUDIÊNCIA ESPECIAL, DIA 11 DE FEVEREIRO PASSADO.

BORGE REFERIU-SE À BUROCRACIA AO COMENTAR A DEMORA NO ENCAMINHAMENTO DOS PAPÉIS PARA VIABILIZAR O ENCONTRO DOS BRASILEIROS COM ELE, APESAR DOS ESFORÇOS DE CARLOS TÁMEZ, ASSESSOR DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SEU AMIGO PARTICULAR.

NA ENTREVISTA, O COMANDANTE BORGE - UM DOS PRINCIPAIS LÍDERES REVOLUCIONÁRIOS LATINO-AMERICANOS - REFERIU-SE ÀS DIFICULDADES PARA RECONSTRUÇÃO DE UMA ECONOMIA DEVASTADA PELO SOMOZISMO E DESTACOU O ESFORÇO DA REVOLUÇÃO SANDINISTA PARA CONSTRUIR UMA NOVA MORAL REVOLUCIONÁRIA NO PAÍS. A SEGUIR A ÍNTEGRA DA ENTREVISTA DE BORGE.

Abril/1984

**inimigo da Revolução”**

**ELEIÇÕES  
DIRETAS  
JÁ!**

**Poderia nos dar um testemunho pessoal sobre estes quatro anos e meio de revolução?**

**Tomas Borge:** Foram quatro anos e meio muito difíceis, muito complexos. Às vezes somos pressionados pela rotina de todos os dias, que nos deixa ligeiramente aborrecidos. Pois desenvolvemos nossa atividade em permanente contato com o perigo, com a operatividade de todos os dias e, de repente, nos vemos obrigados a ficar fechados num gabinete assinando papéis.

Ao mesmo tempo, estamos lutando não só contra o imperialismo e contra os grupos anti-revolucionários, mas contra a burocracia, que é o pior inimigo da revolução. Sabemos que o imperialismo está aí e é inimigo visível; que os grupos anti-revolucionários precisam ser enfrentados frontalmente. Mas a burocracia, que é o pior inimigo dos povos em revolução, está infiltrada por todas as partes, como as pulgas, às vezes impossíveis de serem detectadas: a gente sente apenas suas "picadas" e nem sempre podemos enfrentá-las com êxito.

Temos algumas remanescências do passado que ainda afluem em nosso país: corrupção na administração pública, funcionários moldados por uma constante reincidência do passado, ou então, prepotentes, orgulhosos, autoritários. É uma luta permanente da velha moral contra a nova moral da revolução, em que os conflitos de todos os dias significam pequenas quotas de avanço, em um processo muito lento.

Creio também que não estamos em condições de resolver satisfatoriamente os problemas da economia. Pois temos uma economia muito débil, minada pelas heranças do passado, uma economia brutalmente pressionada pelo intercâmbio desigual entre nossas matérias-primas e os produtos industrializados dos países capitalistas desenvolvidos. Uma economia que continuará subsistindo dentro de um novo esquema, porém com grandes dificuldades para o país e para o povo de Nicarágua. As re-

voluções nem sempre podem, em um país pobre, com uma indústria obsoleta, resolver as expectativas e as demandas seculares no terreno econômico, e terão que coexistir com sua pobreza durante muitos anos.

Entretanto, nossa principal obra de reconstrução não é levantar os edifícios destruídos pelo terremoto, nem levantar os prédios destruídos pela guerra, nem resgatar as fábricas destruídas pela contra-revolução, mas sobretudo a construção de uma nova moral, de um novo homem neste país. Esta é a tarefa mais importante!

Os homens, como diz a Bíblia, não vivem só de pão! Desde logo devemos não só providenciar pão para o povo, mas temos que lhe dar algo muito mais importante, que é uma nova moral.

Esta é a luta que nos ocupa a maior parte de nosso tempo. Isto não quer dizer que subestimamos a necessidade da independência tecnológica e econômica. Estamos, sim, lutando por diversificar nosso mercado, por resolver o problema da dívida externa, por criar uma estrutura agrícola desenvolvida. Mas não é esta, insisto, a tarefa fundamental da revolução.

Sabemos que, acossados pelo imperialismo, dentro de uma férrea lógica econômica, continuaremos sendo pobres e atrasados por muitos anos. Mas a riqueza espiritual, que não custa divisas, que não depende de se encontrar petróleo, é algo que está aí e que precisa ser cultivado, como se cultivam as flores, como se cultiva o algodão. Esta é nossa missão e tem sido nossa vivência.

**Como caracterizaria a atual conjuntura política, e o significado das eleições que estão por ocorrer este ano?**

**Tomas Borge:** Num país como o nosso, em que a vontade popular é óbvia, onde a maior parte do povo apóia as transformações revolucionárias, fazer uma eleição constitui definitivamente mero requisito formal. Quem duvida dos resultados das eleições? O povo nicaraguense que

vai decidir se a Frente Sandinista continua ou não à frente de seu destino? Evidentemente vai decidir que sim: vamos ter apenas a confirmação formal de um conteúdo que já é irreversível.

O que nos preocupa é que, neste espaço do processo eleitoral, estejam se repetindo — como que copiadas em papel carbono — outras experiências ocorridas na América Latina. Aproveitando-se desta conjuntura, a direita e o imperialismo está desenvolvendo na Nicarágua toda uma política similar à que desenvolveu no Chile, com todos os mesmos argumentos e com todos os velhos truques da CIA.

É claro, há toda uma diferença entre o Chile e a Nicarágua: nós aqui temos o poder e o governo, enquanto no Chile o governo de Unidade Popular tinha o governo, mas não tinha o poder. A diferença consiste em que, aqui, os instrumentos coercitivos do estado estão nas mãos do povo. Por isso é que nós podemos nos dar ao luxo de embarcar-nos em um processo eleitoral para institucionalizar a revolução, com todos os riscos que isto significa. Em última análise, temos em mãos o poder e não há nenhum risco histórico, do ponto de vista da perda ou conservação do poder.

Todavia não deixa de ocupar o fato de que todas estas mentiras organizadas e deliberadas podem deixar alguma sequelas na consciência de muita gente

que ainda está atrasada do ponto de vista político. Quando enfrentamos o inimigo no terreno militar, podemos desalojá-lo de uma posição. Mas é muito difícil desalojar da consciência dos homens os preconceitos, as aberrações introjetadas através de uma manipulação hábil, científica dos grandes meios de comunicação modernos.

É o que ocorre, por exemplo nos EUA, onde o imperialismo conseguiu introjetar na consciência da maioria dos norte-americanos uma imagem deformada da realidade. Aconteceu, de fato, que o povo norte-americano, em sua maioria, apoiou a interven-

O PIOR INIMIGO DA REVOLUÇÃO",  
NTE TOMAS BORGE, MINISTRO DO  
JA E ÚNICO FUNDADOR VIVO DA  
LIBERTAÇÃO NACIONAL, À DELEGA-  
SITAVA A NICARÁGUA, EM AUDIÊN-  
FEVEREIRO PASSADO

À BUROCRACIA AO COMENTAR A  
HAMENTO DOS PAPÉIS PARA VIA-  
OS BRASILEIROS COM ELE. APESAR  
LOS TÁMEZ, ASSESSOR DO MINIS-  
SEU AMIGO PARTICULAR.

COMANDANTE BORGE - UM DOS  
OLUCIONÁRIOS LATINO-AMERIC-  
ICULDADES PARA RECONSTRUÇÃO  
VASTADA PELO SOMOZISMO E DES-  
A REVOLUÇÃO SANDINISTA PARA  
A MORAL REVOLUCIONÁRIA NO  
RA DA ENTREVISTA DE BORGE.

ção dos EUA em Granada.

Aqui aparece a extraordinária capacidade de persuasão dos meios de comunicação modernos: como é possível convencer a opinião pública norte-americana de que a intervenção de um país poderoso, com grandes recursos militares, em um país pequeno, fraco e indefeso constitui um ato heróico? É como se um boxeador, na rua, desse um bofetão em uma criança de cinco anos e, depois, alguém consiga nos persuadir de que fez um ato heróico. E foi isso que aconteceu com o fato da invasão em Granada!

Toda a propaganda internacional, que se realiza em cada um dos países do mundo, está processada através de um sistema moderno de computação em que, diariamente e hora por hora, os grupos poderosos, estão dizendo às máquinas o que devem comunicar para deformar a imagem da realidade na consciência dos homens. É isso que estão fazendo na Nicarágua. E, a cada dia que passa, terão mais opção para fazê-lo, porque dispõem de enormes recursos.

Desta forma, esta revolução, ao assumir um processo eleitoral no estilo tradicional, não deixa de correr riscos de perder determinados setores da população, que podem ser levados a optar por uma posição equivocada com respeito à revolução. E não me refiro à burguesia, nem aos ricos e aos grandes fazendeiros ou à alta hierarquia eclesiástica, mas à gente comum de parte de nosso povo que, por estar politicamente atrasada, pode ser induzida a assumir posições incorretas.

Mas, de qualquer maneira, vamos levar a cabo este processo eleitoral, pois é um compromisso que assumimos perante o mundo e perante o povo nicaraguense.

**E como o sr. vê a relação entre as Igrejas e Estado?**

**Tomas Borge:** Uma coisa é o cristianismo e outra coisa é a hierarquia eclesiástica. Entre cristianismo e revolução não há contradição. Mas entre a alta hierar-

quia eclesiástica e a revolução, aqui na Nicarágua, há, sim, contradição. Porque a alta hierarquia eclesiástica está representando os interesses do imperialismo neste país.

É certo que há altos hierarcas em outros países, como no Brasil, que estão identificados com os interesses do povo. Na Nicarágua há alguns bispos que mantêm posições, mais ou menos consequentes. Entretanto podemos dizer que a maioria dos bispos aqui têm posições negativas com respeito à revolução.

A Igreja teria aqui uma extraordinária oportunidade histórica de caminhar junto com um processo de mudança social. E isto só não foi possível por causa dos interesses de classe que determinados setores da igreja representam.

A preocupação da direita não é o que está acontecendo na Nicarágua, mas o exemplo que representa a revolução nicaraguense para os cristãos na América Latina. Pela primeira vez na história, surge uma revolução que abre os braços para os cristãos e pede para caminhar juntos no processo de transformação social.

Do ponto de vista histórico isto é um acontecimento formidável. Mas do ponto de vista imediato e dos interesses que estes setores da igreja representam, o que significaria se todos os cristãos da América Latina se unissem ao redor de um objetivo revolucionário e se decidissem finalmente por colocar em prática os postulados do evangelho? Isto traria desastrosas consequências para o imperialismo e para as classes dominantes neste país.

Acontece em Nicarágua que uma burguesia em formação, identificada com o liberalismo anti-clerical, se tornou, de repente, ao triunfo da revolução, fiel assídua às igrejas, recorrendo a ela como tábuas de salvação para seus interesses de classe. E começam a bater no peito, tornando-se "grandes católicos", "grandes cristãos".

Mas o povo nicaraguense, que sempre foi cristão, facilmente se identificou com posições de apoio à revolução. A revolução, um processo natural que se deu neste país, teve desde cedo contatos com o cristianismo. Muitos cristãos se fizeram sandinistas e muitos sandinistas se fizeram cristãos. E caminhamos juntos.

Aqui as organizações cristãs de base participaram da revolução como cristãos. E isto fez com que a revolução e o cristianismo encontrassem denominadores comuns, de tal natureza que lhes possibilita realizar um projeto comum. De fato, os princípios morais do cristianismo se assemelham muito aos princípios morais que nós preconizamos como sandinista.

Daí o susto da burguesia, que considera que a propriedade privada é sagrada, que a desigualdade social é uma obra de Deus e que a dominação dos proprietários da terra sobre seus servos é de origem divina. Então, esquecidos de Deus no passado, agora recorrem a ele para salvar as instituições "sagradas" da propriedade e do direito à exploração.

Por sorte, o cristianismo adquiriu, em amplos setores da América Latina, particularmente na Nicarágua, uma visão muito mais evangélica!

**Em uma ocasião o sr. disse que a solidariedade é a ternura dos povos. Como vê hoje o estágio de solidariedade internacional para com a Nicarágua e, especificamente, que expectativa tem com relação à solidariedade brasileira?**

**Tomas Borge:** A solidariedade para nós é sobretudo um estímulo, é uma mão que nos ajuda a caminhar. Se ocorrer aqui um enfrentamento armado provocado por uma eventual intervenção militar norte-americana, esperamos que esta solidariedade se expresse de várias maneiras. Mas uma forma em que não se deve expressar esta solidariedade é a intervenção armada de outros países em defesa de Nicarágua. Não existe a possibilidade de Cuba, por exemplo, ou de qualquer outro país da América Latina ou do mundo, nos prestar esse tipo de ajuda. Em caso de conflito armado vamos enfrentá-lo com nossas próprias forças.

Isso, porém, não nega a possibilidade de solidariedade de todos os países do mundo com nossa revolução. Inclusive tudo o que temos feito, todas as negociações desenvolvidas em Contadora serviram para ampliar o espaço político da revolução e estimular a solidariedade não só dos povos, mas também de alguns governos.

O Brasil é um país enorme, não só do ponto de vista geográfico, mas também do ponto de vista de sua história e de suas possibilidades de solidariedade para com outros povos, particularmente para com a Nicarágua. Creio que no Brasil, haja não só enormes reservas de riquezas naturais no Mato Grosso e em outras regiões, como também haja enormes reservas de solidariedade para com a Nicarágua.

O povo brasileiro — que é um povo com história, um povo que participou em grandes jornadas de luta por encontrar seu próprio caminho, como também em grandes jornadas de solidariedade — seguramente é um povo muito sensível a qualquer intervenção que se produza em nosso país, porque como todos os povos da América Latina, sabe que qualquer retrocesso da revolução nicaraguense representa um também retrocesso em suas próprias expectativas de luta e de libertação. Confiamos realmente nas perspectivas de solidariedade do povo brasileiro.

## Pastora acusado de envolver Costa Rica contra Nicarágua

**Manágua -** O ministro da Segurança de Costa Rica, Angel Edmundo Solano, responsabilizou ao líder contra-revolucionário Eden Pastora pela campanha de desprestígio